

# Brasil mantém a sua posição de maior fornecedor mundial de carne bovina

## Brazilian Beef

A Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (ABIEC) é hoje um dos principais exemplos da importância e da força do associativismo no contexto global. Criada em 1979, a partir da necessidade que os exportadores de carne sentiram de uma atuação focada e mais agressiva na defesa de seus interesses específicos, a ABIEC se tornou a principal representante do setor na área internacional de regulamentação comercial, exigências sanitárias e a abertura de mercados.

Graças ao trabalho da Associação, o Brasil é, hoje, o maior exportador mundial de carne bovina, com vendas externas de 2,3 milhões de toneladas e receita de US\$ 5,3 bilhões em 2008.

A Revista **BRAZIL EXPORT (BE)** procurou o presidente da ABIEC, **Roberto Giannetti da Fonseca**, que forneceu importantes informações e opiniões sobre o mercado internacional de carne bovina, através da seguinte entrevista:

**BE – Em 2008, o Brasil foi o maior exportador mundial de carne bovina em volume e receita. Quais as perspectivas para 2009?**

**Giannetti** – As perspectivas para 2009 são de menores volume e receita do que em 2008. Isso porque a crise financeira mundial causou uma queda de 30% nos preços internacionais e de 10% no volume exportado de carne bovina em relação ao ano passado. A combinação de queda nos preços e menor volume representou uma redução na receita



Roberto Giannetti da Fonseca

de exportações de 30%. Isso significa que nossas vendas ao exterior deverão passar de US\$ 5,3 bilhões, em 2008, para algo em torno de US\$ 4 bilhões, em 2009.

Podemos considerar esse resultado como muito importante, pois mantém o Brasil na posição de maior exportador mundial de carne bovina. É possível se constatar uma recuperação gradual nos preços e nos volumes exportados, mas ainda não atingimos os patamares de 2008, o que devemos fazê-lo no fim de 2010 ou em 2011.

**BE – No ano passado, a participação das exportações brasileiras de carne bovina no comércio internacional foi de 28%. Neste ano, o Brasil conseguirá manter esse percentual?**

**Giannetti** – Talvez, porque os volumes exportados não caíram muito. Essa redução foi em parte compensada pelo aumento do consumo interno, que estimamos entre 5% e 10%. Esse maior consumo foi estimulado pela natural queda nos preços devido à maior oferta interna dos produtos que antes eram exportados. Nesse ano, devemos exportar cerca de 2 milhões de toneladas de carne bovina e o mercado interno, que consumiu 7,2 milhões de toneladas, em 2008, deverá passar para um valor entre 7,5 e 8,0 milhões de toneladas, em 2009.

**BE – A Ásia é o maior destino das exportações brasileiras do agronegócio. Como estão as ex-**

**portações de carne bovina para esse mercado e qual a tendência futura dessas vendas?**

**Giannetti** – Nas exportações desse ano, contabilizadas até outubro, cabe destaque para as destinadas a Hong Kong – leia-se China –, uma vez que registraram um aumento de 73,8% em volume, passando de 42 mil toneladas, em 2008, para 75 mil toneladas. E o preço correspondente teve uma pequena redução da ordem de 5%. Esse sinal do mercado de Hong Kong é muito positivo.

Temos outros mercados na Ásia que estão nos animando com crescimentos ou estabilização, nesse ano, mesmo considerando os efeitos da crise. Exemplificando, temos o Vietnã, que passou de 1 mil para 5 mil toneladas, as Filipinas, que estabilizou o consumo em 10 mil toneladas, e o Japão, que passou de 2,2 mil para 3,6 mil toneladas (+64%) de carne industrializada.

O dinamismo do mercado da Ásia em relação ao agronegócio brasileiro, também se refletiu no comércio de carne bovina.

**BE – Há uma tendência atual para a formação de mega empresas através de aquisições ou fusões de empresas do setor. Qual a opinião da ABIEC a esse respeito?**

**Giannetti** – A consolidação de empresas do setor de carnes bovina está ocorrendo num contexto de profissionalismo, de expansão inter-



nacional e de aprimoramento de gestão. As empresas do setor tiveram um *upgrade* muito grande nos últimos anos. São empresas relativamente jovens que começaram pequenas e se transformaram em mega empresas, tendo à frente empresários jovens, competentes e ousados. Hoje, temos grandes empresas brasileiras com um forte *market-share* em muitos países do mundo.

### **BE – Como está evoluindo a rastreabilidade da carne bovina brasileira?**

**Giannetti** – A rastreabilidade ainda é um assunto pouco compreendido pela sociedade e pelo mercado. A meu ver, a implementação da plena rastreabilidade, ou seja, aquela que vai desde o nascimento do bezerro até o abate, vai criar um novo perfil para a carne bovina brasileira e para o próprio manejo do nosso gado, em termos de produtividade e confiabilidade. Isso possibilitará a classificação da carne brasileira em várias categorias em função das características rastreadas. Passa-se a ter o controle quase absoluto das variáveis da produção de carne, dando ao consumidor opções que hoje ele não tem.

Já demos os primeiros passos nesse sentido, mas ainda há muito a evoluir, pois trata-se de um projeto que envolve um trabalho de grande porte. A ABIEC vem estimulando a tecnologia para a implementação da rastreabilidade da nossa carne, que, repito, é absolutamente necessária.

### **BE – O Brasil participa da meta de eliminação de febre aftosa do continente sulamericano através do Plano Hemisférico de Erradicação da Febre Aftosa (PHEFA). Como tem evoluído esse plano?**

**Giannetti** – A meta do PHEFA é um antigo sonho nosso de erradicar a febre aftosa do continente sulamericano. O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) tem feito um trabalho de acompanhamento e de cooperação muito grande com os países do Cone Sul da América (Paraguai, Uruguai, Argentina e Bolívia), que abrigam quase 300 milhões de cabeças de gado, onde, de vez em quando, surge um foco de aftosa, trazendo tranqüilidade e insegurança, além de prejudicar o nosso acesso a mercados.

No Estado do Mato Grosso do Sul – um dos mais importantes estados brasileiros produtores de carne bovina – a Secretaria de Agricultura vem aplicando um controle muito rigoroso nas fronteiras secas, inclusive já com rastreabilidade plena na região, que considera de alto risco. Nesse estado só entra gado com rastreabilidade, uma vez que a questão sanitária envolvendo o maior país exportador mundial de carne bovina, com cerca de 2 milhões de toneladas embarcadas por ano, é uma questão de segurança nacional. Qualquer foco de febre aftosa em território brasileiro implica prejuízos imensos envolvendo desde os pequenos pecuaristas até os nossos



consumidores no exterior. Temos que ser muito rigorosos quanto à saúde do nosso gado e erradicar a febre aftosa do Mercosul.

## **“Não é possível que uma economia do porte da brasileira tenha na taxa de câmbio uma variável completamente aleatória”**

**BE – As ações do Governo para substituir os financiamentos externos às exportações do setor (ACC), em virtude da crise mundial, foram satisfatórias? Hoje em dia, essa situação já se normalizou?**

**Giannetti** – No início, as ações do Governo não foram satisfatórias. Passamos um período, de outubro de 2008 a março de 2009, em que o setor reclamou com veemência da falta de sensibilidade do Governo em perceber que, um setor como o da carne bovina, que é muito alavancado em capital de giro, necessita muito de recursos, pois tem que pagar à vista os seus fornecedores e insumos. A falta de liquidez, portanto, afeta demais o setor. O Governo foi lento em tomar atitudes e prejudicou muito o nosso setor nesse período. A partir de março desse ano, houve uma normalização dessa situação.

**BE – O Chile voltou a importar a carne bovina brasileira após uma interrupção em 2005, o que foi muito comemorado pelo setor. O mercado chileno é importante?**

**Giannetti** – Consideramos o mercado do Chile muito importante. Até a interrupção das importações da carne brasileira, os chilenos consumiam, com regularidade, cerca de 100 mil toneladas por ano desse produto. Após a interrupção, esse mercado

passou a ser suprido pela Argentina e Paraguai. Agora estamos recuperando esse mercado e chegaremos rapidamente ao nosso *market-share* registrado em 2005.

### **BE – Quais as providências da ABIEC para coibir criações de gado na Região da Floresta Amazônica?**

**Giannetti** – Esse é um assunto que consideramos de grande importância, pois não admitimos que haja qualquer desmatamento ilegal para a produção de carne bovina na Região da Floresta Amazônica. A ABIEC exerce uma fiscalização rigorosa entre seus associados nesse sentido. E há o compromisso com eles em favor do “desmatamento zero” na Floresta Amazônica.

### **BE – Como a ABIEC vê a atual instabilidade cambial com a constante valorização do real?**

**Giannetti** – A questão do câmbio é complexa e profunda. O que não pode acontecer é o Governo ficar passivo e inerte diante de uma valorização cambial que se aproxima de uma crise. O Governo não pode prejudicar seus exportadores e ao mesmo tempo dar mais competitividade aos produtos estrangeiros no nosso mercado interno, produtos esses que passam a competir com similares nacionais de uma forma quase desleal.

O setor de carne bovina por ser muito competitivo sofre um pouco menos do que os demais, mas sofre. A ABIEC luta contra essa excessiva e constante valorização cambial. Não é possível que uma economia do porte da brasileira tenha na taxa de câmbio uma variável completamente aleatória.

### **BE – Qual a avaliação da ABIEC da feira alemã Anuga 2009 ocorrida em outubro?**

**Giannetti** – Os associados da ABIEC foram para a Anuga 2009 com uma expectativa baixa, esperando uma presença moderada de visitantes em seus estandes. Recebemos, entretanto, uma forte visitação, que nos surpreendeu, mostrando que o mercado de carne bovina encontra-se em plena recuperação. A Anuga trouxe um maior otimismo ao nosso setor. A feira nos deu esse sinal positivo e ratificou a nossa condição de maior e mais competitivo fornecedor mundial de carne bovina.

